

O URUGUAI LUSÓFONO: PORTUGUÊS OU PORTUNHOL?

Lara Oleques de Almeida¹

RESUMO

O permanente contato do espanhol com o português falado originalmente no norte do Uruguai provocou o hibridismo linguístico e cultural, que se revela nas próprias designações que a língua portuguesa passou a receber na região. Assim, partindo dos aportes teóricos dos Estudos Culturais e Lusófonos, o objetivo deste estudo é descrever e analisar as diferentes denominações recebidas pela língua portuguesa no norte uruguaio. Para tanto, cotejamos as diferentes designações atribuídas pelos linguistas que tratam do tema com as utilizadas pelos próprios habitantes da região. Com a presente pesquisa, percebemos que as várias formas de designar os falares da fronteira Uruguai-Brasil descortinam as metamorfoses experimentadas pela língua portuguesa em solo uruguaio, ao mesmo tempo que marcam uma posição identitária que aponta para a presença do outro ao ressaltar a evidência dialógica de constituição do sujeito fronteiriço.

Palavras-chave: lusofonia, portunhol uruguaio, línguas de fronteira, identidade cultural

ABSTRACT

The permanent contact of Spanish and Portuguese originally spoken in northern Uruguay resulted in cultural and linguistic hybridity, revealed in the designations Portuguese have received in the region. Thus, based on teoretical contributions from the Cultural and Lusophone Studies, the objective of the present work is to describe and analyze the different denominations the Portuguese language has received in northern Uruguay. For this purpose, different denominations attributed by linguists who have studied the subject have been collated with those used by their own region inhabitants. With the present research, we have realized the various forms to designate the speeches along the Uruguay-Brazil border reveal the metamorphoses experienced by the Portuguese language in Uruguay and simultaneously mark an identity position indicating the presence of the other by enhancing the dialogic evidence in the constitution of the border subject.

Keywords: lusophony, Uruguayan Portuñol, borderline languages, cultural identity

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP, Brasil. Bolsista CAPES/PROSUP. Email: lara.oleques@gmail.com

*Miña lingua le saca la lingua al disionario
baila um pagode ensima dus mapa
i fas com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu.²*

Considerações iniciais

A língua portuguesa está presente no território que corresponde ao atual norte do Uruguai desde o século XVII, resultado dos fluxos colonizadores e migratórios empreendidos por portugueses até o século XIX e, em momento posterior, por brasileiros. Portanto, a ocupação do norte uruguaio se deu historicamente de forma conjunta com a colonização portuguesa do sul do Brasil, em especial do estado do Rio Grande do Sul, de onde brasileiros continuaram migrando durante o século XX.

Assim, o Uruguai se subdivide em duas regiões principais: o sul e o norte (com relação ao Rio Negro). Enquanto o sul uruguaio recebeu maior influência da colonização hispânica, no norte, a língua e a cultura luso-brasileira predominaram até o final do século XIX, quando o Uruguai, já um Estado independente, impôs o ensino de espanhol em toda a rede educacional pública.

O permanente contato do espanhol com o português falado originalmente na região fez surgir fenômenos como o do bilinguismo diglótico (sendo o espanhol a língua de prestígio e o português a língua desprestigiada) e do hibridismo linguístico-cultural, que se revela nos nomes que o português passou a receber no norte uruguaio, tais como *portunhol*, *brasileiro*, *entreverado*. Essas designações são utilizadas pelos próprios habitantes e foram registradas em vários estudos, que as considera como sinônimas de *dialetos portugueses do Uruguai (DPU)* e *português uruguaio*, com as quais linguistas nomearam os falares fronteiriços de base portuguesa.

O presente trabalho parte das relações entre língua e identidade no âmbito dos Estudos Culturais e Lusófonos, que desenvolvem reflexões sobre a inserção da língua

² Fragmento do poema “Des”, integrante do livro *Noite Nu Norte*, de Fabián Severo, escritor uruguaio da cidade de Artigas (capital homônima de um dos departamentos do norte do Uruguai), que escreveu poemas em sua língua materna, o portunhol, assim nomeada pelo escritor. A primeira edição é de 2010; a segunda edição é bilíngue – portunhol-espanhol –, com a qual ganhou o Prêmio Morosoli de Bronze e de onde retiramos o fragmento em epígrafe: SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte* - poesía de la frontera. 2. ed. rev. ampl. Montevideu: Rumbo Editorial, 2011, p. 28. Esclarecendo o sentido dos últimos versos: “(...) ‘Túnica’ (avental) e ‘moña’ (laço) fazem parte do cotidiano das escolas, já que as crianças assistem às aulas vestidas de avental branco e laço azul. Esse ‘uniforme’ tem sido identificado tradicionalmente com a escola pública, laica, gratuita e obrigatória desde 1877. No caso da fronteira, a escola está também identificada com a língua espanhola, porque tem sido a escola o âmbito principal de imposição dessa língua na região” (BEHARES, 2010:17). As palavras “cometa” e “seu” significam, respectivamente, “pipa” e “céu”.

portuguesa em diferentes realidades nacionais nas quais convive com outras línguas e culturas, com ênfase para o conceito de identidade como pertencimento (HALL, 2011; BRITO, 2010). Tem como objetivo descrever e analisar as diferentes designações do português no norte uruguaio, a fim de verificar os discursos construídos a partir delas. Para tanto, cotejamos os nomes atribuídos pela Linguística (p. ex., ELIZAINCÍN, BEHARES e BARRIOS, 1987) com os utilizados pelos próprios habitantes, registrados em entrevistas transcritas ou citadas em duas teses de doutorado (BOTTARO, 2009 e SÁNCHEZ, 2002), cujas pesquisas se centraram nas cidades-irmãs de Rivera e Santana do Livramento, onde os fenômenos em estudo se mostram especialmente ilustrados dentro do contínuo linguístico-cultural da fronteira uruguaio-brasileira³.

Com a presente pesquisa, percebemos que as várias formas de designar os falares da fronteira Uruguai-Brasil descortinam as metamorfoses experimentadas pela língua portuguesa em solo uruguaio, ao mesmo tempo que marcam uma posição identitária que aponta para o hibridismo e para a presença do outro, ao ressaltar a evidência dialógica⁴ de constituição do próprio sujeito fronteiriço.

A identidade como discurso e a noção de lusofonia

O sentimento identitário de pertencimento é construído na e pela linguagem, ou seja, as identidades são construções discursivas. É na língua que se forjam as identidades individuais e coletivas, pois na língua é que são construídos os sentidos que o sujeito absorve do mundo e os que atribui ao mundo, em um movimento infinito (dialógico) que constitui um sujeito que não é um, mas múltiplo.

Portanto, a cultura nacional é um discurso: “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2011:51). Os sentidos construídos sobre a nação são criados discursivamente em histórias que conectam passado e presente por meio de imagens simbólicas e representativas que passam a habitar o imaginário dos sujeitos daquela nação: criam-se estratégias representacionais que incutem no senso comum a noção de pertencimento a uma nação (HALL, 2011:51-52).

³ Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) formam o maior centro povoado da fronteira, com aproximadamente 160.000 habitantes e uma única urbanização, separada/unida por uma avenida onde inexistem aduanas e quaisquer outras barreiras estatais que impeçam a livre circulação de pessoas.

⁴ Neste trabalho, utilizamos os termos *dialógico*, *constituição* e *constitutivo* no sentido bakhtiniano.

Podemos afirmar que também a ideia de lusofonia é um discurso que constroi uma comunidade imaginada pelos falantes da língua portuguesa e inserida nos múltiplos espaços culturais que ocupa em quatro continentes (América, África, Europa e Ásia):

Na nossa perspectiva, a Lusofonia é um espaço simbólico linguístico e, sobretudo, cultural no âmbito da língua portuguesa e das suas variedades que, no plano geo-sociopolítico, abarca os países que adotam o português como língua materna [...] e língua oficial [...] No entanto, não se pode restringir a lusofonia ao que as fronteiras nacionais delimitam. Nesse modo de conceber a lusofonia, há que se considerar as muitas comunidades espalhadas pelo mundo e que constituem a chamada “diáspora lusa” [...] (BASTOS e BRITO, 2011:145, g.n.)

A noção de lusofonia que adotamos neste trabalho se insere numa concepção pós-colonialista e anti-tiocêntrica, já que a comunidade lusófona somente se legitima quando concebida em sua pluriculturalidade, o que significa “partilhar e respeitar múltiplas e distintas vozes” (BRITO e HANNA, 2014:1), mesmo aquelas que se encontram em espaços nacionais diversos dos países de língua oficial portuguesa.

O conceito de identidade como pertencimento – “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2011:8) – é resultado da tensão entre forças antagônicas que constituem o próprio sujeito pós-moderno e dão os contornos de sua identidade: igualdade e diferença, inclusão e exclusão:

[...] o sentimento de pertença parece resultar de um movimento de mão dupla: de “exclusão”, de “diferença” diante de uns; de “inclusão”, de “afinidade” junto a outros considerados pares [...]

[...]

A identidade encerra, de forma aparentemente paradoxal, a exclusão (denotando *separação e diferença*) e a inclusão (significando a *pertença* a um determinado grupo e aos seus valores) (BRITO, 2010:72/76).

Um dos efeitos da globalização sobre as identidades é a produção de novas identidades locais e globais, caracterizadas pelo hibridismo cultural, pois “identidade e diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra” (HALL, 2011:87).

Nesse contexto, o estudo das diferentes designações contribui para entender o português uruguaio como um processo histórico e identitário que traduz a fronteira como um entrelugar que se manifesta mediante uma língua que também está em um entrelugar,

descortinando a tensão entre a lealdade a uma cultura nacional de base hispânica e o sentimento de pertença a um terceiro espaço, fruto do hibridismo que o constitui: a fronteira entre o mundo luso-brasileiro e o mundo hispano-uruguaio.

O norte uruguaio: breve panorama linguístico e identidade fronteiriça

A fronteira é um espaço híbrido, como o são os espaços do mundo globalizado. Mas, na fronteira, a noção de mescla, o ir e vir cultural e linguístico, as imbricações de alteridades, as ambivalências e contradições se tornam mais visíveis e estão presentes nas manifestações discursivas cotidianas de seus habitantes, especialmente dos que vivem nas chamadas cidades-irmãs (sobre a linha divisória).

A extensão da fronteira Brasil-Uruguai é de aproximadamente 1.000 km e de um lado e outro da linha divisória há seis cidades-irmãs ou cidades-gêmeas, considerando o sentido Argentina-Brasil (oeste-leste): Bella Unión-Barra do Quaraí (fronteira tríplice entre Brasil, Uruguai e Argentina), Artigas-Quaraí, Rivera-Santana do Livramento, Aceguá-Aceguá, Ríó Branco-Jaguarão e Chuy-Chuí⁵.

Mesmo após a independência do Uruguai (1830), a região fronteiriça ainda permanecia sob domínio e jurisdição dos brasileiros, pelo que o governo resolveu povoar a fronteira com pessoas do sul e fundar cidades na frente das cidades brasileiras que já existiam na linha divisória (BOTTARO, 2009:31); contudo, essa decisão do governo uruguaio não impediu que a língua portuguesa continuasse a ser falada no norte.

Tais movimentos históricos propiciaram o desenvolvimento de fenômenos como línguas em contato, bilinguismo⁶, diglossia. Após décadas de repressão ao uso do português, constatou-se que no norte havia duas línguas em contato e “uma sociedade bilíngue de falantes de espanhol como língua materna em conjunto com importantes grupos de falantes de português como língua materna” (BEHARES, 2010:17).

Esse cenário gerou uma situação de diglossia, definida como o uso de duas línguas que se dá mediante uma distribuição de funções determinadas pela sociedade, sendo o espanhol a língua do Estado, utilizada como variante mais prestigiada nas atividades

⁵ “Para circunscrever a região fronteiriça, tracemos duas linhas retas: uma primeira, entre a foz do Rio Ibicuí, no Rio Uruguai, e a margem norte da Lagoa dos Patos, que percorre todo o estado do Rio Grande do Sul (como de fato faz a Rodovia da Integração) e uma segunda, que coincida com o Rio Negro no território uruguaio. A área compreendida entre essas duas linhas caracteriza como cultural e linguisticamente ‘híbrida’, com traços próprios diferenciados das culturas brasileiras e uruguaias e constitui um contínuo sociocultural em muitos aspectos” (BEHARES, 2010:18).

⁶ No lado brasileiro da fronteira, o bilinguismo não ocorre de forma historicamente arraigada.

formais, e o português como variante desprestigiada, usada em atividades informais, entre familiares, amigos e pessoas que pertencem ao mesmo grupo social (BOTTARO, 2009:32). De outra parte, em estudo de viés antropológico, Sánchez (2002:103) enfatiza o contato como fenômeno em si mesmo, que distribui os usos das línguas independentemente da classe social ou nível de escolarização do sujeito⁷.

Assim, damos ênfase à perspectiva dos falantes, como eles nomeiam a língua que usam na fronteira norte do Uruguai, não só para se comunicar com o outro, mas para viver e ser no espaço cultural híbrido que os constitui como sujeitos pelo espelhamento no outro: *nosotros*, nós-nos-outros⁸, os-outros-em-nós.

As denominações da língua portuguesa no norte uruguaio

Os falares portugueses do norte passaram a existir politicamente após serem nomeados pela Linguística uruguaia, cujas pesquisas ganharam mais espaço no início da década de 1950, na Universidade da República, em Montevidéu (STURZA, 2006:97).

Os diferentes estudos apontam que há uma diversidade de termos que nomeiam as línguas da fronteira, sendo que o português uruguaio⁹ recebe uma variedade maior de designações. Muitas delas estão presentes no *corpus* analisado, composto por depoimentos registrados por Bottaro (2009)¹⁰ e Sánchez (2002)¹¹, nos quais os falantes se manifestam sobre o nome da língua que eles falam ou que as pessoas falam na fronteira. As autoras supracitadas são unânimes em conceber a variante fronteiriça como língua, bem como em considerar sinônimas as denominações ora analisadas.

Para discutir a existência das designações no meio social, bem como a sua criação pelos linguistas, adotaremos, respectivamente, a terminologia *in vivo* e *in vitro* (CALVET,

⁷ Sánchez (2002) coletou inúmeras entrevistas nas cidades de Rivera-Santana do Livramento que indicam que falantes cultos de espanhol acabam dominando o portunhol para interagir socialmente.

⁸ Aldyr Schlee é um escritor jaguareense (Jaguarão, cidade coirmã da uruguaia Río Branco) que assim define a identidade cultural fronteiriça: “nós não somos nós, mas *nosotros*, nós outros, nós-nos-outros...”, pois lá o conceito de identidade é “notado e admitido como uma diferença que, antes de negar o outro, aceita-o e nele se baseia” (SCHLEE, 2004:49-50).

⁹ Em harmonia com os aportes teóricos dos Estudos Culturais e Lusófonos, adotamos neste trabalho, preferencialmente, as designações *portunhol* e *português uruguaio*: a primeira porque revela com clareza a constituição híbrida da língua e cultura dos fronteiriços, que preferem tal designação (conforme demonstra a maioria das designações encontradas no *corpus*); a segunda porque atribui *status* de língua ao que outrora os linguistas denominaram dialeto (CARVALHO, 1998, 2003).

¹⁰ BOTTARO, Silvia. E. G. *O sujeito pronominal no português uruguaio da região fronteiriça Brasil-Uruguai*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

¹¹ SÁNCHEZ, Andrea Quadrelli. *A fronteira ‘inevitável’*. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma visão antropológica. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

2007). Importa ressaltar que, mesmo ao adotar uma designação *in vivo*, o linguista redesigna a língua, atribuindo-lhe novos sentidos políticos por “representar o discurso do saber linguístico”, enquanto que o sentido atribuído pelos falantes no ato de designação é diferente por “significar sua relação de falante com as línguas que pratica” (STURZA, 2006:127). Por força do discurso linguístico, uma denominação nascida *in vitro* pode passar ao uso e legitimar-se como prática linguística.

Via de regra, os nomes das línguas são meras abstrações que encobrem aspectos relativos ao seu uso na prática cotidiana dos falantes, reflexo da heterogeneidade que lhes é inerente. No entanto, algumas designações deixam transparecer marcas de identidade cultural do povo que as fala.

Fronteiriço

Trata-se de uma designação *in vitro* registrada pelo linguista Rona (1965), com a qual instaurou um discurso que, pela primeira vez na história¹², reconhece a presença da língua portuguesa em território uruguaio, realidade esta negada pelo discurso nacionalista calcado no mito do monolingüismo e do monoculturalismo hispânico.

A denominação *fronteiriço* se reveste de um significado político importante, pois é validada pelo universo acadêmico e passa a legitimar essas práticas como fatos linguísticos (STURZA, 2006:128) ao inseri-las no rol das línguas de fronteira, ainda que tais falares sejam designados como um *dialeto misto* (RONA, 1965), o que os coloca em uma posição hierárquica inferior com relação aos outros falares designados historicamente como línguas.

Afirma o linguista uruguaio que recolheu a denominação *fronteiriço* do meio social, do que divergem estudiosos como Thun (*apud* KERSCH, 2008:4-5). Sem nos ocuparmos da origem do termo¹³, podemos afirmar que no *corpus* analisado ele não aparece, mas foi encontrado em pesquisas que realizamos anteriormente¹⁴.

¹² Rona inaugura uma tradição de estudos fronteiriços de dimensão continental, já que foi pioneiro em descrever as relações entre o português e o espanhol na América (STURZA, 2006:116).

¹³ Seria necessário outro estudo para averiguar se o termo *fronteiriço* já tinha vigência no meio social antes de Rona adotá-lo e se o seu uso se intensificou após o advento dos estudos do linguista uruguaio.

¹⁴ Realizamos pesquisa na fronteira Rivera-Santana do Livramento e recolhemos as seguintes denominações para a língua falada em Rivera: *espanhol, portunhol, fronteiriço, castelhano*. Referido estudo constituiu avaliação da disciplina “Bilingüismo e Línguas em Contato”, cursada pela autora no Mestrado em Aquisição da Linguagem da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no ano 2000. No mesmo ano, os resultados da pesquisa foram apresentados em comunicação oral no “Coloquio Nuevos Caminos de la Geolingüística II. Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay”, realizado na UDELAR (Universidade da República), em Montevidéu.

Assim, a partir do discurso instaurado por Rona (1965) com a denominação *fronteiriço*, que destaca um aspecto diatópico e evoca o hibridismo cultural e linguístico do povo da fronteira, outros linguistas desenvolveram seus estudos e designações à variante portuguesa no norte uruguaio: *dialeto fronteiriço* (RONA, 1965); *dialetos portugueses do Uruguai* (ELIZAINCÍN, BEHARES e BARRIOS, 1987); *português uruguaio* (CARVALHO, 1998). Todas elas deixam entrever, em maior ou menor grau, a presença do outro na constituição das línguas que se cruzam na fronteira.

Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU)

Elizaincín, Behares e Barrios (1987:23) utilizaram o termo *dialetos*, no plural, porque conceberam o fenômeno dos falares fronteiriços como altamente variável e heterogêneo. Justificam seu uso por julgarem que tal designação é a mais “neutra”, considerando o estado das pesquisas naquele momento, que não permitiam delinear com precisão as características do fenômeno, o que julgamos que ainda ocorre atualmente.

No entanto, em se tratando de linguagem, a alegada neutralidade não existe; ao contrário, o termo DPU reforça a estigmatização da variante ao inseri-la em posição hierarquicamente inferior às demais línguas de fronteira, já que a diferença entre língua e dialeto está no *status* histórico que lhes é atribuído. De outra parte, pela primeira vez, há a predominância da língua portuguesa na composição gráfica do nome da variante, o que assume um sentido político e identitário relevante ao conferir-lhe visibilidade.

A designação DPU, nascida *in vitro*, passou a ser legitimada e utilizada no meio social porque os falantes a identificam com o reconhecimento científico dos falares que praticam no norte uruguaio. Tem ocorrência em nosso *corpus*:

[...] y yo te sé hablar si quieres en DPU y te digo las diferencias entre una y otra [...] hay un desprecio, es la lengua que hablan las clases bajas, menos alfabetizadas, (professora de literatura) (SÁNCHEZ, 2002:99, g.n.)

además tu vas a hablar con maestros uruguayos y niegan que hablan, cuando lo saben, yo era hablante de DPU... me costó muchísimo aprender el español , (professora) (SÁNCHEZ, 2002:119, g.n.)

As informantes são professoras, o que adquire importante significado por indicar conhecimento das pesquisas linguísticas. No primeiro fragmento, destacamos o discurso contraditório da informante, que assume falar DPU, sendo ela falante culta que concebe os

DPU como a língua falada por pessoas desfavorecidas. No segundo, a falante evidencia o preconceito de outros professores e o seu próprio ao afirmar que deixou de falar DPU, concebido como empecilho à aprendizagem do espanhol.

Percebemos nos depoimentos o efeito do sistema educacional uruguaio que historicamente favorece o monolinguismo hispânico e o desprestígio da variante uruguaia do português, acarretando atitudes linguísticas negativas nos falantes e nos profissionais da educação com relação à língua que falam.

Português do Uruguai/ português uruguaio

Atualmente, a variante uruguaia é chamada na literatura acadêmica e nos documentos oficiais de *português do Uruguai* (BEHARES, 2010:18) por influência dos estudos de Carvalho (1998, 2003), que utilizou o termo *português uruguaio* por definir que, no norte, há duas variantes de uma só língua: o português. Carvalho (2003:128) entende que a dicotomia entre português (língua) e fronteiriço (dialeto) é mais social do que linguística e propõe uma definição que substitua tal dicotomia.

A designação *português uruguaio*, apesar de ter nascido *in vitro* e de promover o apagamento da noção de mistura¹⁵, confere um *status* de língua à variante antes nomeada como dialeto¹⁶. Pela primeira vez, os falares fronteiriços ganham prestígio e vitalidade a partir de uma denominação instauradora de um discurso político que os retira da situação hierarquicamente inferior às demais línguas da fronteira.

Tal discurso influenciou as políticas linguísticas e legislações educacionais, que, somente a partir de 2003, reconheceram a existência do português como uma das línguas nacionais, implantando a educação bilíngue na fronteira (BEHARES, 2010:18). Porém, a variante ensinada nas escolas é o português brasileiro padrão, distante da realidade de alunos e professores falantes de portunhol, o que perpetua o problema e abre a discussão para outros campos, a serem explorados em outros trabalhos.

¹⁵ Sob os aportes teóricos adotados neste trabalho, a mistura é inerente à noção de hibridismo, que integra o conceito de identidade cultural, o que não conflita com a posição de Carvalho (1998, 2003), que parte de outro enfoque teórico para propor “que os resultados sistemáticos da variação interna do português uruguaio devam substituir a noção de ‘mistura’ instável proposta nos estudos anteriores, além de unir a dicotomia proposta anteriormente entre *fronteiriço* e *português*” (CARVALHO, 2003:126).

¹⁶ Embora a linguista também utilize o termo *dialeto*, rejeita-o ao designar a variante portuguesa do norte do Uruguai com o nome de uma língua: “(...) proponho que o português uruguaio seja visto como um dialeto do português de características rurais que sofre influências do espanhol” (CARVALHO, 2003:133, g.n.)

No *corpus*, as denominações *português do Uruguai* ou *português uruguaio* não aparecem, mas os falantes usam o termo *português* para nomear a língua portuguesa falada no Brasil ou como sinônimo de *português uruguaio*, respectivamente¹⁷:

- Doc – que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira?
L1 – as duas no? ... as duas
Doc – por que as duas?
L1 – y:: pra se manežá melhor né? si tu entra pru Brasil conversa beim o portugueis e viaža pru Uruguay conversa beim o espanhol (BOTTARO, 2009:165, g.n.)
- Doc – que língua tu falas mais na tua casa?
L1 – falo o português
Doc – como é esse português? misturado ou na tua casa são brasileiros?
L1 – não misturado [...]
Doc – tu sabe que aqui na fronteira se fala um dialeto né? que nome tu da a essa forma de falar?
L1 – português eu ašo [...]
Doc – [...] por que tu gostaria de falar o espanhol?
L1 – não sei porque eu ašo:: qui sei eu eu ašo que é uma maneira más educada de conversá [...]
Doc – [...] tu não falas o espanhol?
L1 – [...] as ves eu sinto até vergonha porque eu gostaria de falá / assim qui sei eu que nós falase tudo em espanhol [...]
L1 – porque eu to falando em espanhol e sai em português o sempre misturo ... mas em português não em português tu achas que não misturas?
L1 – não... só em espanhol (BOTTARO, 2009:149-150, g.n.)

No segundo fragmento, o falante manifesta sua atitude negativa frente à sua língua materna, nomeada de *português* e identificada com o *português uruguaio*, ao declarar que não domina o espanhol como gostaria. O desprestígio da variante portuguesa é de tal forma sentido pelo falante que este indica o monolingüismo hispânico como situação ideal. Manifesta um discurso contraditório ao dizer inicialmente que o português que fala é misturado e, mais adiante, que a mistura ocorre apenas quando fala espanhol. A noção de mistura nem sempre é percebida com nitidez pelos falantes, pois remete ao estado mesmo da língua que falam.

¹⁷ As entrevistas de Bottaro (2009) seguem as normas de transcrição do Projeto NURC/SP, que integra o Projeto NURC/BR, cujo objetivo é a descrição do português urbano culto falado no Brasil, conforme esclarece a autora.

Portunhol

Trata-se do termo mais amplamente usado e que carrega as mais diversas conotações de sentido¹⁸, desde o seu rechaço total até a sua defesa mais apaixonada e, não raro, ambos estão presentes no discurso de um mesmo falante, evidenciando as contradições que definem a cultura fronteira. É a designação utilizada por artistas e intelectuais que assumem o *portunhol* como sua língua materna e de identidade¹⁹.

Assim como *fronteiriço*, há estudiosos que afirmam que o termo *portunhol* foi uma criação *in vitro* (THUN *apud* KERSCH, 2008:4-5). Contudo, se assim for²⁰, passou para o meio social com muita vitalidade, sobrepondo-se quantitativamente às demais designações analisadas no *corpus*, a exemplo do seguinte fragmento:

- L1 – bueno soy nasido... e::... no Brasil
Doc – no Brasil.. y vivís?
L1 – em Rivera [...]
Doc – tá bien... en qué lengua hablás en tu casa?
L1 – portunhol [...]
Doc – por qué es portuñol
L1 – porque é::... o entreberado uruguaio cum brasileiro española... con portugués... [...]
Doc – qué lengua es más cómoda para ti?
L1 – portuñol
Doc – por qué é mais comoda?
L1 – porque no hay muito entrebero biste? não teim muito entrebero
Doc – em portunhol não tem muito entrevero?
L1 – não... ža me acostumei ža a falá esa língua... é mais cómoda [...]
Doc – sí... tú sos uruguayo?
L1 – soy uruguayo (BOTTARO, 2009:162-163, g.n.)

Essa entrevista é caracterizada pela intensa alternância de códigos por iniciativa tanto do falante quanto da documentadora²¹, ambos envolvidos nessa teia inevitável das alteridades imbricadas e contraditórias que se vive naturalmente na fronteira e que constitui

¹⁸ Alguns estudos associam o portunhol à noção de interlíngua, o que difere sobremaneira do fenômeno *in vivo* de que estamos tratando, além do que atribui a essa denominação uma conotação depreciativa relacionada a uma forma imperfeita de falar que se desenvolve em busca da correção.

¹⁹ A exemplo de Fabián Severo, autor do poema em epígrafe, que assume o portunhol como expressão de identidade linguístico-cultural da fronteira. O portunhol de Severo é escrito “com uma ortografia baseada no sistema do espanhol e com a incorporação do léxico desta última língua” (BEHARES, 2010:17), um exemplo único de escrita na variante historicamente ágrafa do português uruguaio, tendo em vista os critérios singulares que utilizou para escrever em portunhol, que se imortaliza na alta qualidade e universalidade de sua literatura.

²⁰ Outro estudo seria necessário para averiguar se o termo *portunhol* nasceu *in vivo* ou *in vitro*.

²¹ A pesquisadora e documentadora das entrevistas é riverense e bilíngue em português-espanhol.

as línguas e as identidades fronteiriças. Observe-se que o falante declara inicialmente ter nascido no Brasil e, mais adiante, declara ser uruguaio. Além disso, conforme referido alhures, o falante não percebe a noção de mistura e se contradiz ao definir a língua que fala como resultado da mistura (*entreverado* = mistura confusa) para, em seguida, afirmar o contrário.

Em sua tese, Sánchez prefere a denominação *portunhol* para designar essa terceira forma de falar típica da fronteira. Diz a autora:

Embora o *portunhol* seja uma língua desprestigiada por esta sociedade e muitos de seus falantes preferem não só não falá-la, mas também negar o conhecimento desta língua, também se descobre uma atitude reivindicativa que mostra o portunhol como uma língua afetiva, íntima e necessária. Ainda mais, muitos a consideram como uma língua própria, que merece reconhecimento e respeito:

vino un maestro de Montevideo y nos reclamaba ‘porque acá se habla un lenguaje horrible’, pero no es una cosa horrible, es una cosa que nosotros vivimos, que es nuestra realidad, no es una cosa horrible, es nuestra lengua materna y la tienen que respetar, (professora);

no podemos cambiar como nosotros hablamos, no hay otra manera, enseñaríamos más el español sí, apoyaríamos más el español pero no obligaríamos a que no hablen el portuñol, (jovem adolescente);

hay muchos brasileiros también que ya no hablan la lengua de nosotros, (vendedor ambulante)

nuestro propio idioma , (jovem adolescente);

nosotros, los portuñoles, (professora). (2002:113, g.o.)

O falante da fronteira está em um entrelugares, fala uma entrelínguas, que pode ser e não ser ao mesmo tempo; ser duas coisas, não ser nenhuma ou ser uma terceira coisa. O falante pode rejeitar o portunhol, mas o usa no cotidiano por necessidade, mesmo sem querer falá-lo, pois é inevitável e surge do próprio fenômeno do contato linguístico, independentemente de sua língua materna²². É uma língua de aproximação afetiva que exerce funções identitárias e comunicativas importantes.

²² “Em Rivera, falar o portunhol é inevitável, consequência de uma série de fatos inevitáveis, como assistir à televisão brasileira, comprar no Brasil e estar em contato com brasileiros; ‘sí, desde que nacés hablas las dos lenguas’, ‘nosotros nacimos hablando’, ‘convivimos con él’, ‘ninguno acá quiso aprender el portugués’, ‘es inevitable’” (SÁNCHEZ, 2002:117-118).

Entreverado

A palavra “entrevero”, utilizada em alguns alguns países hispano-americanos (e também no português gaúcho da fronteira), significa “mistura desordenada e confusa”. Assim, o significado literal da língua denominada pelos falantes do norte uruguaio de *entreverado* remete à ideia de línguas que se misturam de forma confusa.

A confusão refletida no nome da língua faz parte do próprio cotidiano dos habitantes dessa fronteira que desafia os limites políticos dos Estados-nação das formas mais prosaicas, o que gera implicações simbólicas relativas ao modo de ser fronteiriço, especialmente singular e inusitado aos olhos dos que ali não vivem²³.

Essa denominação *in vivo* se aproxima de *portunhol* no sentido de que os falantes associam a língua a uma mistura que não é nem português nem espanhol ou que é as duas línguas juntas; porém, com *entreverado*, atribuem uma conotação predominante de confusão, sem referência aos nomes das línguas nacionais.

No *corpus*, aparece em Bottaro com certa recorrência, como no exemplo:

- Doc – você sabe falar o português?
L2 – más o menos... é entreberado nomás... falo só o espanhol ou si não o portunhol
Doc – e você?
L1 – no portugués no... portunhol sí
Doc – vocês se consideram bilíngues?
L2 – não... o entreberado sim é bilíngue porque é o entreberado
L1 – eu aão o mesmo também... que falo as duas línguas
Doc – quais línguas?
L1 – este::... el entreberado y u o el espanhol... un portugués perfeito no
L2 – eu também... a mesma coisa [...]
Doc – que língua que vocês acham que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
L1 – pra mí é este:: el entreberado ese...portunhol... sí (2009:151, g.n.)

Percebe-se do fragmento acima que os falantes consideram o *entreverado* uma terceira língua que equivale ao *portunhol* e que não é português por não ser correta. Dão mostras de como a confusão está presente em seus discursos, a exemplo de L2, que, ao se

²³ Uma situação inusitadamente confusa foi presenciada por recenseadores do IBGE: “(...) a casa de Paulo está registrada em Santana, a rua é brasileira, paga a luz e a água no Brasil, mas o telefone é uruguaio, assim como também parte do terreno onde reside; o negócio comercial de Cristina tem entrada sobre a *linha*, é uma residência que fica em solo uruguaio, mas está registrada como brasileira e recebe luz e água de Santana” (SÁNCHEZ, 2002:14).

declarar não bilíngue, indica que o bilinguismo é inerente ao *entreverado*, no qual estariam contidas as duas línguas, espanhol e português. Já L1 concorda com L2, mas, ao contrário, se declara bilíngue em *entreverado* e espanhol.

Brasileiro

Esse termo *in vivo* é bastante frequente no *corpus* e indica que a língua que o sujeito fala se identifica com a do país vizinho, de onde migrou a maioria da população que compõe o norte uruguaio. A associação do nome da língua com a nacionalidade do povo que a fala é um fenômeno comum, que reflete um forte traço de identidade construído a partir da ideia de Estado-nação: uma nação, um povo, uma língua.

Mas na fronteira outros sentidos emanam dessa designação, pela relação histórica do Uruguai com o Brasil, o gigante que se teme e que se admira²⁴; que se nega, mas que se quer imitar; que é o estrangeiro inimigo, mas que está dentro dos uruguaios do norte, de forma inevitável²⁵. Essa identificação com o Brasil, na visão dos falantes, implica uma perda ou ausência de identidade:

Rivera se caracteriza por no tener identidad;
no nos copian nada a nosotros, nosotros le copiamos;
nosotros siempre los imitamos (SÁNCHEZ, 2002:170-171)

Nos discursos recolhidos, é comum que um mesmo falante utilize denominações sinônimas ao longo da entrevista, como no primeiro fragmento:

L3 – fala brasileiro taméim [sua mãe]... cuaeš toda a mía família
fala brasileiro [...] eu aprendí a falá portunhol agora [...]
Doc – antes não falava? o que falava antes?
L3 – falaba meio poco né? pero... agora sei más brasileiro por...
aprendí cum ele [seu padrasto] (BOTTARO, 2009:144, g.n.)

²⁴ Recorda Rosario Peyrou de que forma o Brasil é representado no imaginário uruguaio: “Como un convidado de piedra en la historia uruguaya, el Brasil es parte de nuestra mala conciencia nacional. Tenemos una relación ambivalente con ese país enorme y avasallante: una relación atravesada de contradicciones, de atracción y rechazo, de temor y desconfianzas” (PEYROU, 2011:156, g.n.).

²⁵ Um fato inevitável é cantar o hino nacional brasileiro, prática difundida nas escolas públicas de Rivera, onde muitas crianças têm dificuldade de cantar o hino uruguaio. Em contrapartida, há jovens riverenses que afirmam: “yo me sé el principio del himno brasileiro, y odio saberlo” (SÁNCHEZ, 2002:176, g.n.)

cuando estoy con mis compañeros hablo en brasileiro pero cuando estoy con el maestro, la directora o secretario yo hablo en uruguayo (criança de 12 anos) (SÁNCHEZ, 2002:105, g.n.)

A denominação *brasileiro*, ao evidenciar o caráter de nacionalidade estrangeira da variante, contrasta e faz um paralelo com a denominação da língua nacional (o espanhol), que o falante do segundo fragmento chama de *uruguaio*, designação também recorrente no *corpus* e encontrada *in vivo*. Conforme ilustrado na segunda fala em destaque, *brasileiro* equivale a *português* (que pode adquirir sentidos nem sempre claros no discurso do falante: português do Brasil ou português do Uruguai), enquanto que, no primeiro fragmento, o falante deixa mais claro que *brasileiro* é sinônimo de *portunhol*.

Rompidiomas

O verbo *romper* do espanhol pode significar, em português, quebrar, rasgar, estragar, danificar. Essa conotação negativa evidenciada pela tradução literal do termo também está presente em outra denominação, que não teve ocorrência no *corpus* (*estraga-idiomas*), mas que também é recolhida na literatura especializada²⁶.

A designação *rompidiomas* indica que o falante tem consciência de que a língua que fala não goza de prestígio e, principalmente, que é desviante da norma padrão de ambos os idiomas, a ponto de quebrar e destruir seus sistemas linguísticos:

- Doc – em que língua vocês falam normalmente?
L2 – aqui somo todos rompidiomas
L1 – si temo que falá en espanhol falemo espanhol y si temo que falá en portugués falemo en portugués ... [...]
Doc – [...] por que o senhor falou “rompidioma”?
L2 – eu... porque no se habla ni ni en espanhol ni en portugués é entreberao ... [...]
L2 – não:: é ženérico... rompidioma porque no habla ni en brasileiro ni en uruguažo [...] entreberado
[
L1 – fala entreberado porque estás hablando en espanhol y se sigue en portugués [...]
L2 – al final no hay idioma ninguno... y yo uso más el brasileiro cuando voy a comprar fiado en Santana [...]
[
L3 – cosa não é brasileiro... coisa sim... é rompidioma por iso (BOTTARO, 2009:174-175)

²⁶ Ver notas 27 e 28, a seguir.

Os sentidos atribuídos a *rompidiomas* no fragmento acima adquirem diferentes nuances: L1 e L2 indicam que *rompidiomas* é uma terceira língua fruto de uma mistura desordenada ao equipará-lo a *entreverado*; L1 e L3 associam-no à alternância entre os códigos do português e do espanhol; L2 destaca que *rompidiomas* não é nem espanhol nem português, o que resulta na destruição de ambas as línguas. Para estes falantes, *brasileiro* e *uruguaio* significam, respectivamente, *português* e *espanhol*.

Além das denominações *in vivo* analisadas anteriormente, destacamos também outras, a saber, *carimbão*, *carimbado*, *corrupio*, *estraga-idioma*, *baiano*²⁷, que não tiveram ocorrência em nosso *corpus*, mas estão registradas no ADDU (Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai)²⁸, que recolheu ainda mais denominações, não citadas aqui. O número elevado de denominações que recebe a língua portuguesa no norte uruguaio, por si só, é fato linguístico e sociológico que chama a atenção para a complexidade do fenômeno.

Considerações finais

Na fronteira Uruguai-Brasil, o outro está tão perto, mas tão longe; tão igual, mas tão diferente; nem aqui, nem lá. É onde se pode passar, mas também onde se é impedido de passar. Essa ambivalência e essa aparente contradição caracterizam a fronteira como um espaço entrelugares que nos serve como exemplo privilegiado para ilustrar as relações entre língua portuguesa e identidade lusófona.

Nesse contexto, as diferentes denominações atribuídas pelos falantes à língua portuguesa revelam a fronteira como um espaço não só geográfico, mas simbólico e representativo de uma cultura própria, que constrói identidades ora próximas, ora distantes das identidades nacionais. Tal identidade híbrida é impressa, em maior ou menor grau, nos diferentes nomes recebidos pela língua portuguesa no norte uruguaio, pondo em evidência a constituição dialógica do ser fronteiriço na medida em que a presença do outro se impõe ou é inevitável.

Assim como o espaço que os fronteiriços habitam é um entrelugar que os sujeitos não sabem exatamente onde começa e onde termina, a língua que manifesta esse ser

²⁷ *Carimbão*, *carimbado*: aludem ao instrumento de ferro em brasa para marcar gado e escravos, evidenciam sentido notadamente pejorativo; *corrupio*: refere-se a uma brincadeira conhecida como roda-viva e remete à ideia de confusão; *estraga-idioma*: evidencia conotação negativa, semelhante a *rompidiomas*; *baiano*: indica claro caráter preconceituoso, alude aos habitantes do estado brasileiro da Bahia, de origem majoritária negra e mestiça (THUN; BLASER *apud* KERSCH, 2008:4-5).

²⁸ O ADDU é um projeto coordenado por Harald Thun (Universidade de Kiel, Alemanha) e Adolfo Elizaincín (Universidade da República, Uruguai) que está dividido em duas partes, sendo uma delas dedicada aos falares fronteiriços (ADDU-Norte). As entrevistas foram realizadas entre 1989 e 1992.

tampouco conhece os limites linguísticos impostos pelos sistemas normativos: português-espanhol-portunhol. O caráter transgressor do português uruguaio, que rompe os idiomas e as lógicas nacionais estabelecidas, que gera sentimentos de pertença contraditórios em seus falantes, constitui um desafio para a compreensão das identidades lusófonas na era pós-moderna.

A língua portuguesa em terras uruguaias é instável, móvel, paradoxal, como a fronteira. Quase não a reconhecemos, mas vive e renasce todos os dias na mescla, na mistura; vai muito além das fronteiras, imaginadas e imaginárias.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BASTOS, Neusa Barbosa e BRITO, Regina H. Pires de. *Mia Couto: “somando colorações” no vocabulário da lusofonia*. Matraca, Rio de Janeiro, v.18, n.28, jan./jun. 2011, p. 143-157.

BEHARES. Luis E. *Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos*. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), set./dez. 2010, p. 17-24

BOTTARO, Silvia. E. G. *O sujeito pronominal no português uruguaio da região fronteiriça Brasil-Uruguai*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BRITO, Regina H. Pires. Moçambique e Timor-Leste: realidade multilíngue e oficialidade lusófona. In: MARÇALO, Maria João et al (Eds.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010.

BRITO, Regina H. Pires e HANNA, Vera L. Harabagi. Cultura e Lusofonia: algumas relações. In: Anais do 14º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do IP/PUC-SP e 5º Congresso Internacional de Lusofonia. São Paulo: IPPUCS. 2014. p. 1-9.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas lingüísticas*. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial; IPOL, 2007.

CARVALHO, Ana Maria. *The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual border town*. Tese de Doutorado. Berkeley: University California, 1998.

_____. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)*. Madri: Vervuert, v. 1, n. 2, 2003, p. 125-149.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. *Nos falemo brasileiro: dialectos portugueses en Uruguay*. Montevidéo: Amesur, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KERSCH, Dorotea. *Aspectos identitários e de atitudes dos falantes bilíngues da região da fronteira do Uruguai com o Brasil – os dados do ADDU*. In: Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 7, 2006, Pelotas, RS. MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-10.

PEYROU, Rosario. La frontera norte en el imaginario cultural. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis* (en línea) (113). Montevideo, 2011, pp. 156-167.

RONA, José Pedro. *El dialecto fronterizo en el norte del Uruguay*. Montevidéo: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

SÁNCHEZ, Andrea Quadrelli. *A fronteira 'inevitável'*. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma visão antropológica. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCHLEE, Aldyr G. Testemunhos de identidades. In: SCHULER, Fernando L, BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte* - poesía de la frontera. 2. ed. rev. ampl. Montevidéo: Rumbo Editorial, 2011.

STURZA, Eliana R. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das ideias linguísticas*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.